

OLIVRO DO GENTIO E DOS TRÊS SÁBIOS

Geraldo Pieroni *

LÚLIO, R. *O livro do gentio e dos três sábios*. Trad.: Esteve Jaulent. Petrópolis: Vozes, 2001. 248 p.

O Filósofo e Teólogo Raimundo Lúlio (1232-1316) foi um europeu que fazia questão de escrever em árabe; além disso, é considerado um dos fundadores da língua e da gramática catalãs. Através da sua capacidade intelectual, conquistou o apreço e amizade de papas e reis, assim, obteve liberdade para percorrer a Europa, a fim de promover a união das três religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islamismo. Uma meta bastante estranha aos modos de vida daquela época, marcadamente intolerante.

Lúlio estava convencido de que o sistema aristotélico, que iniciava a difusão nas universidades européias, não proporcionava uma referência racional suficiente para sustentar as verdades da fé cristã. Neste sentido, propôs um novo método de argumentação que denominou arte. Trata-se de uma nova perspectiva de sistematização para conhecimento da realidade.

Foi justamente a partir do método da arte, embora de modo menos rigoroso, menos sistemático e mais acessível, que Lúlio escreveu a obra *O livro do gentio e dos três sábios*. Neste trabalho, o autor apresenta, no prólogo, a figura de um gentio, grande filósofo, mas que desconhecia a existência de Deus e da ressurreição, e que entra em profundo mal-estar todas as vezes que se dá conta de que cedo ou tarde, mais dias ou menos dias, haverá de morrer e inevitavelmente voltará ao pó, ao nada. Envolvido por estes pensamentos angustiantes, resolve se dirigir a uma floresta a fim de se distrair. Mas o esperado não acontece, e a tristeza parece corroer o coração dele; e mais: dá-se conta de que seu sofrimento aumenta progressivamente. Neste instante de profunda desolação, surge a idéia de partir da-

* Doutor em História pela Université Paris-Sorbonne; Professor do Departamento de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

quela terra. Dirige-se a um outro lugar para encontrar solução, remédio para sua triste enfermidade. O local escolhido é uma grande e desabitada floresta, cheia de fontes e de belas árvores, repletas de frutas, com as quais poderia satisfazer suas necessidades vitais.

Nesta floresta, o gentio encontra com três sábios, um judeu, um cristão e um muçulmano, que vão procurar demonstrar a existência de Deus e da ressurreição e, posteriormente, as principais características dessas três religiões. As diretrizes da argumentação dos três sábios são direcionadas, norteadas por uma dama, chamada Inteligência, que lhes aparece um pouco antes do encontro com o gentio, em uma clareira formada por cinco árvores, onde havia também uma fonte. Esta bela dama apresenta-se bem vestida e cavalgando um belíssimo cavalo, que bebe tranquilamente, da fonte, água pura e cristalina. Os sábios, na medida em que avistam as belas árvores e a mulher de formosa aparência, dirigem-se ao lugar (fonte) e humildemente saúdam-na.

Num tom fraterno e amigável os sábios perguntam-lhe o seu nome, e ela prontamente lhes responde ser a Inteligência. Repletos de curiosidades, os sábios a questionam, perguntando pela natureza e as propriedades daquelas belas árvores e, principalmente, querendo saber o que significam as letras escritas em cada uma de suas flores. Inteligência explica pausadamente aos sábios que as diversas flores, além de servir para embelezar as árvores, significam possíveis combinações dos princípios que constituem a realidade. As concordâncias ou discordâncias entre esses princípios fornecem condições para a argumentação, que podem ser reunidas em dez:

1 - reconhecer e atribuir a Deus sempre a maior nobre na essência, nas virtudes e nas obras;

2 - as virtudes divinas não podem ser contrárias umas às outras, nem umas menos que as outras;

3 - as virtudes criadas têm de ser tanto maiores e mais nobres quanto mais fortemente signifiquem e demonstrem a grandeza das virtudes incriadas ou divinas;

4 - as virtudes incriadas e as criadas jamais serão contrárias;

5 - as virtudes de Deus não podem concordar com os vícios;

6 - convém afirmar tudo aquilo mediante o qual, pelos vícios, as virtudes de Deus são melhores significadas ao entendimento humano e negar tudo aquilo que seja contrário à maior significação anteriormente dita

e, também, tudo quanto diminua a contrariedade entre as virtudes, Deus e os vícios humanos, salvos as condições das outras árvores;

7 - nenhuma das virtudes criadas pode ser contrária à outra;

8 - aquilo que for mais conveniente para os homens serem mais perfeitos e terem maior mérito, através das virtudes criadas, tem de ser verdadeiro; e o contrário, falso; salvando-se as condições das outras árvores;

9 - que as virtudes criadas não concordem nunca com os vícios;

10 - que as virtudes criadas mais contrariamente aos vícios sejam as mais amáveis, e os vícios que são mais contrários às virtudes sejam os mais odiosos.

No que diz respeito as essas dez condições que aparecem repetitivas vezes nas obras de Lúlio, muito se tem comentado e escrito. Elas servem de guia, de direcionamento, para que a inteligência humana possa compreender as verdades cristãs e fornecer uma maneira adequada de entender o mundo. Além disso, tal exercício de lógica seguia o modelo do silogismo clássico.

No primeiro livro, os sábios decidem mostrar ao gentio, mediante um raciocínio que envolve três grupos de realidades, as sete virtudes divinas, as sete virtudes criadas e os sete vícios, que evidentemente respeita sempre as dez condições mencionadas e que são consubstanciadas em três verdades:

1 - que Deus existe;

2 - que nele se encontram as sete virtudes divinas representadas nas flores da primeira árvore;

3 - que se pode ter esperança de ressurreição.

Entretanto, o leitor não consegue saber qual é o sábio que está demonstrando estas três verdades. Daí se conclui que as três verdades são comuns às três religiões. Isto também se verifica na medida em que escolhem, para argumentar, algumas das flores que se encontram em cada árvore, representando assim cada uma delas duas virtudes, ou um vício e uma virtude, ou os vícios.

Entusiasmado com a força das demonstrações e tendo sido libertado por elas do erro em que se encontrava, o gentio se ajoelhou na terra e elevou ao céu suas mãos e seus olhos, que se banhavam em lágrimas, e com fervoroso coração, adorou e disse:

Bendito seja Deus glorioso, Pai e Senhor poderoso de tudo quanto existe! Graças te dou, Senhor, por ter sido de teu agrado lembrar-te deste homem pecador que estava à porta da infinita maldição infernal! Adoro-te, Senhor, bendigo o teu nome, e peço-te perdão. Em ti coloquei a minha esperança e de ti espero a bênção e a graça. Praza-te, Senhor, que se a ignorância me tornou teu desconhecedor, o conhecimento em que me colocaste me faça amar-te, honrar-te e servir-te; e daqui a diante que todos os meus dias e todas as minhas forças corporais e espirituais não estejam em nada mais que não seja em honrar-te e louvar-te, e em desejar a tua glória e a tua bênção, nem em meu coração não haja outra coisa que não seja senão somente tu. (p. 80)

Após o agradecimento, o gentio pede instruções aos três sábios sobre como poderia pregar entre seus familiares, amigos e o povo em geral de sua terra, que ainda se encontrava na mesma ignorância em que ele estivera até aquele momento. Nesse momento descobre, com espanto, que os três sábios seguem leis e crenças diferentes. Horrorizado e desconsolado, o gentio lamenta-se da nova situação dizendo:

Ah, senhores! Em quão grande alegria e esperança me havíeis colocado! Mas agora me fizestes retornar à muito maior ira do que costumava estar, porque depois da minha morte não tinha temor de sustentar trabalhos infinitos. Mas agora estou certo de que, se não estiver no caminho do verdadeiro, toda pena está já pronta para atormentar perenemente a minha alma depois da minha morte! Ah, senhores! E que ventura é esta que me havia tirado de tão grande erro em que estava a minha alma? E por que minha alma retornou a dores muito mais graves que as primeiras? (p. 82)

Diante da angústia do gentio, os sábios, decidem provar por separado os artigos de suas respectivas crenças utilizando-se do mesmo método da Dama Inteligência, estabelecendo uma única regra básica, qual seja, de que somente o gentio poderá contestar ou postular alguma pergunta ao sábio na medida que estiver expondo as características principais de sua religião.

Nos livros II, III e IV, por ordem cronológica (Antigüidade), o judeu, o cristão e o muçulmano mostram ao gentio as verdades de sua fé, oito artigos para o credo judaico, quatorze para o cristão e doze para o islamita. Várias vezes e se dirigindo aos três sábios por separado, o gentio contesta e esclarece algumas questões das provas fornecidas. O conteúdo doutrinal dos três livros é irregular, mas surpreende ver como as descrições do judaísmo e do islamismo sejam conforme aos textos fundamentais destas religiões. Assim, Lúlio mostra um amplo conhecimento da lei judaica e islâmica.

Após as considerações e exposições dos três sábios, o gentio, que já em seu íntimo escolhera a crença verdadeira, dirige-se a Deus numa oração ardente e apaixonada, na qual considera as virtudes divinas, as criadas e os vícios. Uma oração bela que poderia ser aceita em qualquer uma destas três religiões. Terminada a prece, o gentio convida dois amigos conhecidos que se encontram na mesma situação em que ele havia estado e pede aos sábios para esperarem, pois deseja revelar aos seus companheiros, na presença deles, qual a religião eleita por ele. Os sábios preferem partir sem conhecer o resultado da escolha do gentio, pois cada um deles pensa que o gentio escolhera a sua lei, por isso não têm interesse em saber qual a opção feita pelo gentio.

Movido por uma inteligência, por uma esperteza rara, Lúlio permite ao leitor, no final da obra, espaço para a reflexão, para que, assim, cada sujeito possa encontrar pela força da razão e pela natureza do entendimento a verdade, seguir a lei que julga certa e conveniente a ele.

O texto, agora disponibilizado em português, constitui-se numa importante fonte de pesquisa do pensamento medieval e de um autor de grande importância para a formação do pensamento e da cultura ibéricos. A edição é bem cuidada e a tradução é bem-feita, comportando um estudo introdutório que reflete sobre a vida e a obra de Llull e, também, uma cronologia básica do período em que viveu o autor. Além disso, a referência a algumas edições e traduções da obra do autor traz uma importante ferramenta de trabalho para pesquisadores medievalistas, sejam historiadores, filósofos, ou curiosos da cultura medieval na Península Ibérica.